

## EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA E CONTRACOLONIAL: RELATOS DA DISCIPLINA TECNOLOGIA, TRABALHO, SAÚDE E CUIDADO

*IN SEARCH FOR A FEMINIST AND COUNTERCOLONIAL EDUCATION: REPORTS  
FROM THE DISCIPLINE TECHNOLOGY, WORK, HEALTH AND CARE*

**Fernanda Santos Araujo**

ORCID 0000-0003-0145-1535

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ  
Rio de Janeiro, Brasil  
fernanda@nides.ufrj.br

**Ana Lilyan de Lima dos Santos**

ORCID 0009-0002-8728-6605

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ  
Rio de Janeiro, Brasil  
analilyan.2913@gmail.com

**Emilly Patrícia Vaz Ribeiro Marinho**

ORCID 0009-0000-1426-0071

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ  
Rio de Janeiro, Brasil  
emillyvaz@poli.ufrj.br

**Larissa Gomes Fernandes da Costa**

ORCID 0009-0000-0022-4977

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ  
Rio de Janeiro, Brasil  
medeiros.andrade.larissa@gmail.com

**Resumo.** Em busca de abordagens feministas e contracoloniais no campo dos estudos críticos sobre tecnologia e trabalho, criamos a disciplina de graduação de título Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado, ofertada pelo Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/UFRJ). Os conceitos de saúde e cuidado, quando colocados em diálogo com os outros dois conceitos que dão nome a disciplina, permitiram essa clivagem para além da crítica. Neste artigo apresentamos a origem da disciplina, seu programa de estudos e alguns dos resultados que vimos alcançando a partir de sua oferta para estudantes da UFRJ, especialmente dos cursos de engenharia. Verificamos que a experiência da disciplina permitiu às estudantes recriar imaginários sobre tecnologia e trabalho e repensar suas relações com a saúde e o cuidado, em busca de um mundo onde se possa viver melhor. Destacamos que a experiência da disciplina tem promovido ainda transbordamentos em nossas práticas de pesquisa e extensão, reforçando a indissociabilidade entre essas três dimensões do fazer acadêmico.

**Palavras-chave:** Educação feminista; Educação contracolonial; Tecnologia; Trabalho; Cuidado.

**Abstract.** In search of feminist and countercolonial approaches in the field of critical studies on technology and work, we created the undergraduate course entitled Technology, Work, Health and Care, offered by the Interdisciplinary Center for Social Development (NIDES/UFRJ). The concepts of health and care, when placed in dialogue with the other concepts that give the discipline its name, allowed this cleavage beyond criticism. In this article, we present the origin of the course, its syllabus and some of the results we have achieved from offering it to UFRJ students, especially those in engineering courses. We found that the experience of the course allowed students to recreate imaginaries about technology and work and rethink their relationships with health and care, in search of a world where people can live better. We emphasize that the experience of the course has also promoted overflows in our academic research and extension practices, reinforcing the inseparability between these three dimensions of academic work.

**Keywords:** Feminist education; Counter-colonial education; Technology; Work; Care.

### 1. INTRODUÇÃO

Criada em 2022 no Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES), a disciplina Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado (TTSC) vem sendo ofertada para estudantes de diversos cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como disciplina eletiva universal. Ela parte do esforço de docentes e discentes que buscam abordagens interseccionais para os debates sobre tecnologia e trabalho.



O NIDES é uma unidade vinculada ao Centro de Tecnologia da UFRJ que tem como missão promover ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas para a reflexão crítica sobre os processos de desenvolvimento tecnológico e para a elaboração de alternativas sociotécnicas que contribuam para o desenvolvimento social. Partindo do pressuposto de que ciência e tecnologia não são neutras, faz-se uso de abordagens participativas e interdisciplinares, buscando o diálogo entre diferentes saberes e a popularização das práticas e saberes da academia.

No campo das alternativas sociotécnicas considera-se que ciência e tecnologia são produtos da complexa teia de relações sociais e de poder que permeiam as sociedades. Reciprocamente, são também geradoras de estruturas e processos que podem reforçar ou perturbar a ordem constituída. Os pensamentos feministas apontam, no entanto, um limite na perspectiva crítica apresentada por esse campo de estudos e práticas.

O conceito de Tecnologia Social (TS), que tem uma importância fundamental na construção desse campo, e é bastante explorado por autores como Renato Dagnino (2014) e Henrique Novaes (Novaes; Dias, 2010), apoia-se em uma leitura que concentra seu foco na órbita da produção de bens e serviços. Dagnino (2014) diz que enquanto a Tecnologia Convencional (TC) é desenvolvida pelas empresas capitalistas e tem como objetivo extrair mais-valia e ampliar seus lucros, a TS é desenvolvida pela economia popular e solidária e tem como objetivo gerar trabalho e renda, reduzir a miséria humana e aumentar a autonomia das pessoas na sociedade.

A influência dessa abordagem da TS na construção desse campo de estudos e práticas se mostrou evidente, por exemplo, no 1º Simpósio Brasileiro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Tecnologia Social (SEPETS), quando uma das palestrantes anunciou:

(...) não me entendam mal, tudo que melhore essa nossa sociedade doente, desigual, problemática, tudo tem que ser valorizado – tudo. Das pequenas ações cotidianas, àquelas de maior transformação. Mas se o ambiente de opressão, de exploração do trabalho, é o socioeconômico, é o produtivo, não podemos desconsiderar essa dimensão (...). Acho fundamental pensarmos a esfera produtiva como elemento central da tecnologia social. (43:26) (BAGATTOLLI, 2023)

O sistema capitalista se organiza a partir de uma racionalidade que subalterna o cuidar, ou as tarefas associadas à reprodução da vida. Dessa forma, a esfera dita “produtiva” é viabilizada às custas da naturalização do caráter feminino e racializado do cuidado. O conceito de divisão sexual do trabalho, apresentado por Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), é fundamental para compreendermos como as relações sociais se configuram através de uma distinção entre o que seria o trabalho de homens e o de mulheres, conferindo a estes valores sociais e econômicos diferentes e hierarquizados.

Françoise Vergès (2020), reivindicando um feminismo decolonial, leva em conta as consequências da colonização nas relações sociais entre sexos, chamando atenção também para as distinções entre o trabalho de pessoas brancas e pessoas racializadas. Assim, o trabalho de cuidado é absorvido por quem ocupa as margens do sistema hegemônico, não apenas capitalista, mas também patriarcal e racista. A divisão sexual e racial do trabalho está no cerne da organização das relações sociais e de poder entre os sexos e entre as raças/etnias, e se sustenta pela legitimação que naturaliza esses papéis com base em argumentos também biológicos.

As atividades de cuidado e reprodução da vida são invisibilizadas e não consideradas como trabalho, sendo, portanto, não remuneradas ou muito mal pagas. Quem realiza essas tarefas? Mulheres e pessoas racializadas, em todas as partes do planeta. Os feminismos buscam

reconhecer e valorizar esse trabalho invisibilizado, e nos convidam a olhar para o trabalho reprodutivo e refletir sobre o lugar social do cuidado.

Cristina Carrasco (2004) ressalta que para além da invisibilidade do trabalho de reprodução, se esconde ainda, e principalmente, sua relação de dependência com o trabalho de produção. A ideia de um *Homos economicus* edifica um imaginário da figura de um homem autônomo, que circula entre trabalhos e mercados sem carregar nenhuma necessidade de cuidado. Produção e reprodução são duas faces da mesma forma de organização social. O desafio é incidir sobre as forças que os separam e centrar nosso olhar sobre as conexões que eles mantêm.

Ao considerar como elemento central da tecnologia social a esfera produtiva, os estudos críticos no campo das alternativas sociotécnicas carregam a herança de um conceito de trabalho que encarna a lógica capitalista, patriarcal, racista e binária. De acordo com Bruna Mendes Vasconcellos (2017), esse campo, que se propõem a um pensamento e uma ação contra-hegemônicas em oposição ao sistema científico e tecnológico do capital, segue invisibilizando as dimensões de sexo, gênero e raça organizadoras da hegemonia.

Quando criamos a disciplina Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado partimos desses incômodos e provocações dos pensamentos feministas e tentamos avançar para além da crítica proposta pelo campo das alternativas sociotécnicas. Revisitar os conceitos de saúde e cuidado, e colocá-los em relação com as ideias de tecnologia e trabalho, tem se mostrado uma forma potente de trazer os questionamentos feministas, antirracistas, contracoloniais e dissidentes, fugindo das armadilhas do essencialismo, do identitarismo e do binarismo.

A disciplina é aberta a estudantes de todos os cursos da universidade, sendo majoritariamente procurada por graduandos das diversas engenharias. O relato que se segue parte das experiências promovidas pela disciplina com as turmas concluídas nos períodos letivos de 2022-2, 2023-1 e 2024-1. Cada uma dessas turmas teve cerca de 15 a 20 estudantes de graduação inscritos, entre eles pessoas de diversas áreas disciplinares, garantindo um espaço de encontros e trocas entre diferentes formas de pensar e agir. As turmas contaram ainda com a participação de estudantes de pós-graduação que realizaram seus estágios em docência apoiando e contribuindo com todo o processo pedagógico do curso.

Este relato foi elaborado pela professora que ministrou a disciplina para essas três turmas, junto com estudantes de graduação que cursaram a disciplina e a partir dela se engajaram no projeto de pesquisa e extensão de título Tecnologia, Trabalho e Cuidado (TTC), coordenado pela mesma professora. Como veremos ao final do artigo, a experiência da disciplina transborda para nossas práticas acadêmicas de pesquisa e extensão, que por sua vez, retornam para a sala de aula, em um ciclo de retroalimentação que reforça a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como princípio fundante da universidade.

## 2. PROGRAMA DA DISCIPLINA

O programa da disciplina foi estruturado a partir dos conceitos-chave que compõem seu título. No entanto, antes da apresentação e debate desses conceitos, o programa previa em sua abertura uma reflexão sobre o que temos chamado de “epistemologias de resistência”, que tem a intenção de provocar a turma a reconhecer as lentes coloniais a partir das quais enxergamos o mundo e experimentar olhares de outros ângulos. Explicaremos melhor essa ideia adiante.

A disciplina buscou uma alternância entre momentos de reflexão orientados por leituras de materiais de referência para cada conceito e momentos de diálogo com pessoas que puderam contribuir com os debates a partir de suas práticas cotidianas e experiências de vida. No quadro a seguir apresentamos o programa da disciplina.

**Quadro 1.** Programa da disciplina

Aula	Tema	Referências
1	Apresentação e acolhida da turma + Apresentação da proposta de programa da disciplina	
2	Epistemologias de resistência	Texto 1: Kilomba, Grada. Quem pode falar?
3	Epistemologias de resistência	Texto 2: Lugones, Maria. Rumo a um feminismo descolonial.
4	RODA DE CONVERSA 1 - Subalternidade, Outreridade e Epistemologias de Resistência	
5	Trabalho: produção e reprodução	Texto 3.1: Federici, Silvia. O Ponto Zero da Revolução. Texto 3.2: Davis, Angela. A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora.
6	RODA DE CONVERSA 2 - Trabalho: produção e reprodução	
7	O que é saúde?	Texto 4: Brito, Jussara (et al.). Saúde, cadê você? Cadê você?
8	RODA DE CONVERSA 3 - Saúde e Território	
9	Pausa para avaliação parcial do percurso + Orientações para o trabalho final da disciplina	
10	O que é cuidado?	Texto 5: Tronto, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais.
11	RODA DE CONVERSA 4 - indefinida <sup>1</sup>	
12	Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado	Texto 6: Le Guin, Úrsula. A teoria da bolsa de ficção.
13	Últimas orientações para o trabalho final	
14	Apresentação dos trabalhos finais, auto-avaliação e avaliação final do percurso da disciplina	

Fonte: elaborado pelas autoras

A seguir apresentamos de forma mais completa cada um desses momentos da disciplina, agrupados em seis partes.

## 2.1 Apresentações, acolhida e avaliações parciais

A educação, como nos ensinou Paulo Freire, é uma prática de diálogo. O diálogo, por sua vez, só é possível a partir do reconhecimento dos sujeitos. Para ele acontecer é preciso que a sala de aula seja um espaço de encontro, aberto à fala e, principalmente, à escuta de todas e todos. Partindo desses pressupostos, nesta disciplina buscamos construir um espaço de acolhida para a turma, um espaço onde as pessoas pudessem se sentir parte, pudessem se sentir construindo junto um processo de ensino-aprendizado profundo, para além dos conceitos. bell hooks (2017) dizia que *“a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar”* (p. 26). A educação, como a autora destaca, é um trabalho coletivo, e foi com esse espírito que conduzimos nosso percurso.

A ideia era que a turma se constituísse como um coletivo – um coletivo de aprendizado, mas também um coletivo de cuidado, no seu sentido prático e concreto. bell hooks (2017) também nos ensinou que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, e refletia muito sobre o prazer nas experiências de ensino-aprendizado. Para ela o entusiasmo pode, e deve, coexistir com uma atividade intelectual séria, e até promovê-la. E como gerar esse entusiasmo? “A

<sup>1</sup> A roda de conversa 4 aconteceu de diferentes formas para cada uma das três turmas, buscando adaptar o programa a outras atividades e temas que surgiram ao longo do semestre. Neste artigo não apresentaremos cada uma dessas abordagens. Deixamos a experiência em aberto para recriação.

*capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros”* (p. 17) – ela nos disse. A pedagogia engajada, proposta pela autora, busca ainda o bem-estar de educadores e educandos, e em tempos de pós-pandemia esse ensinamento se torna valioso e indispensável.

O esforço de construir a disciplina de TTSC com base nos princípios da pedagogia engajada teve início já na primeira aula, e seguiu ativo ao longo de todos os encontros. Buscamos formas de nos conhecer intimamente, de criar relações de confiança e reciprocidade, de provocar sentimentos de afeto, solidariedade, reconhecimento mútuo e pertencimento. Entendemos que esses sentimentos são essenciais para o diálogo que pretendemos estabelecer com as turmas. Nos valemos de diferentes dinâmicas para isso, utilizando músicas, vídeos, exercícios de respiração, de alongamento, de teatro, entre outros dispositivos que partiam por vezes da equipe docente, outras vezes das discentes.

Conversamos ainda sobre os métodos de avaliação, falamos sobre seus sentidos e significados, e buscamos construir maneiras mais justas e mais próximas do real de avaliar nosso trabalho. Quando falamos de avaliar, nos referimos a avaliação da atuação de estudantes, mas também das professoras, e ainda da própria universidade e suas possibilidades. A partir das avaliações parciais demos espaço para (re)planejar o programa e as atividades inicialmente propostas, afinal, como também nos ensinou bell hooks (2017), não seria possível gerar entusiasmo com práticas didáticas rígidas e com programas fixos.

## 2.2 Epistemologias de resistência

Chamamos de epistemologias de resistência a ciência da aquisição de conhecimentos que tensiona a hegemonia do saber colonial (cis-branco-hétero-patriarcal) e reafirma a importância dos saberes tradicionais, comunitários e populares. É o esforço de trazer para o centro o que está à margem do conhecimento hegemônico, dando lugar, voz e vez para os saberes marginalizados.

Um poema de Conceição Evaristo, exibido para as turmas na abertura da aula 2<sup>2</sup>, nos ajudou a introduzir o debate.

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio.  
Ecoou lamentos de uma infância perdida.  
A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias,  
debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos, pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.  
A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes, recolhe em si as vozes  
mudas caladas engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância, o eco da vida-liberdade.  
(EVARISTO, 2017, p. 24-25)

Grada Kilomba, no livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019), mostra como a ideologia colonial opera silenciando e subjugando as pessoas que estão à margem dos padrões normativos de classe, raça, gênero e sexualidade. A autora apresenta alguns mecanismos de universalização da experiência das pessoas que ocupam lugares de poder na hierarquia dominante, utilizados para impor suas formas de fazer ciência e tecnologia. Grada ressalta as dificuldades de diálogos interseccionais na academia, profundamente marcada por violências que decorrem desta longa história de opressões do permanente regime

<sup>2</sup> Através do vídeo disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=5QBxp-MqF18>. Acessado em 25/03/2025.

colonial. Categorias semânticas supostamente opostas como “objetivo x subjetivo”, “racional x emocional”, “fatos x opiniões”, “conhecimentos x experiências”, possuem uma dimensão de poder que mantém as posições hierarquizadas e perpetua as violências.

A partir do texto de Maria Lugones, de título “Rumo a um feminismo descolonial” (2014), seguimos debatendo com as turmas sobre as práticas segregadoras da colonialidade. A autora traz uma crítica à organização do mundo moderno de acordo com uma lógica categorial, dicotômica e hierárquica. Essa lógica autoriza o processo de redução ativa das pessoas, provocando a desumanização que as torna aptas para a classificação, a sujeitificação e a investida de tornar os/as colonizados/as menos que seres humanos. Lugones apresenta as dimensões da colonialidade do poder, do ser e do saber, e suas interconexões, nos conduzindo a olhar para as interações íntimas e cotidianas que resistem à diferença colonial. Ela ainda nos convida a habitar um “*locus [que] é fraturado pela presença que resiste, a subjetividade ativa dos/as colonizados/as contra a invasão colonial de si próprios/as na comunidade desde o habitar-se a si mesmos/as*” (p. 943).

A partir dessas leituras iniciais da disciplina, foi possível questionar a dominação e o poder hegemônico que perpetuam a opressão e a violência na academia, invisibilizando saberes que podem ser valiosos para repensar as relações entre tecnologia, trabalho, saúde e cuidados. Conceição Evaristo, Grada Kilomba e Maria Lugones nos alertam para a importância de reconhecer as interconexões entre as diversas formas de resistência, e nos dão pistas de caminhos nesse sentido.

Pelas epistemologias de resistência queremos ouvir outras vozes. Quando o/a subalterno/a fala, ele/a expressa a dor, mas também a luta. A margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir, de transformar e de imaginar mundos possíveis e novos discursos. Fechamos essa parte da disciplina dando lugar a essas vozes. A RODA DE CONVERSA 1, de título “Subalternidade, Outreridade e Epistemologias de Resistência”, recebeu diferentes convidadas que muito contribuíram para nutrir nossa imaginação. Estiveram com a gente<sup>3</sup>:

- Letícia Villas Boas, assistente social, ativista preta e gorda, estuda corporalidades gordas sob perspectiva decolonial e interseccional.
- Lavini Castro, historiadora, educadora antirracista, coordenadora da Rede de Professores Antirracistas, mestre em Relações Étnico Raciais, doutoranda História Comparada.
- Indianarae Siqueira, ativista trans, pute, vegane, antifascista e idealizadora da CasaNem, do Grupo TransRevolução e do Nome Social.
- Luciléia Baptista, assistente social, especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras e em Análise e Políticas para a População Negra.
- Fátima Lima, antropóloga, coordenadora do Grupo ORI (Grupo de Pesquisa em Raça, Gênero e Sexualidade) e colaboradora da ONG Casa das Pretas.

### 2.3 Trabalho: produção e reprodução

No vídeo de título “As mulheres e a construção do novo mundo”, Vandana Shiva (2013) diz que “*no que se refere à vida, as mulheres são experts*” e isso se dá porque as mulheres, ao longo da história, foram encarregadas das tarefas que a sustentam. Com esse vídeo abrimos esse módulo da disciplina, que se dedica a dar visibilidade ao trabalho de reprodução que sustenta todas as formas de vida, porém, mais do que isso, propõe mostrar sua relação de interdependência com o trabalho dito produtivo.

<sup>3</sup> Cada uma dessas convidadas participou de uma ou duas edições da disciplina. Em cada edição tivemos duas ou três pessoas compondo a roda de conversa.

Silvia Federici, em “O Ponto Zero da Revolução” (2019), conta que, há séculos, o corpo feminino é colocado no mundo como o único que deve fornecer cuidados, um trabalho árduo e contínuo na vida de muitas mulheres. São tarefas relacionadas a uma fantasia coletiva de proporcionar amor e carinho, que na realidade esconde uma forma de trabalho não remunerado essencial ao modo de produção capitalista.

A autora apresenta a Campanha Internacional Salários para o Trabalho Doméstico (WFH), mobilizada por feministas na Europa na década de 70. A Campanha denunciava as relações desiguais de poder sob a não remuneração, que serviram de pilar para a organização capitalista de produção. Silvia questiona o papel do estado, da indústria e da família nuclear na manutenção dessa cadeia de exploração do trabalho das mulheres. Ressalta ainda que é a “*condição não assalariada que determina a quantidade e a qualidade da tecnologia que adquirimos*”, pois “*se você não ganha por hora, dentro de certos limites, ninguém se importa com o tempo que você leva para realizar o seu trabalho*” (p. 70).

Angela Davis, no texto “A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora” (2016), apresenta outra perspectiva. Recuperando a história das mulheres negras nos Estados Unidos, Angela mostra que essas mulheres nunca tiveram o privilégio de se ocupar apenas das tarefas reprodutivas. Elas não representam o modelo universal de feminilidade e nunca foram a dona de casa criada pela ideologia burguesa. Ao contrário, as mulheres negras e imigrantes acumulam duplas jornadas extensivas e precarizadas de trabalho, assumindo o lugar de trabalhadoras da indústria e das lavouras, e as tarefas domésticas de suas casas ficam sempre negligenciadas. Ela diz que “*como militantes ativas no movimento operário, as mulheres podem gerar o verdadeiro poder de combater aquele que é o sustentáculo e o beneficiário do sexismo: o sistema capitalista monopolista*” (p. 242).

De acordo com a autora, a separação entre a “*economia pública do capitalismo e a economia privada do lar tem sido continuamente reforçada pelo primitivismo obstinado do trabalho doméstico*” (p. 231). Ela ressalta que, apesar da proliferação de utensílios domésticos, esse trabalho se manteve qualitativamente inalterado pelos avanços tecnológicos do capitalismo industrial, ainda consumindo milhares de horas do ano típico de uma dona de casa. Apontando para a insuficiência de qualquer remuneração para o trabalho doméstico, Angela propõe a transformação radical da natureza dessas tarefas, a partir da sua incorporação na economia industrial. A autora diz que é preciso questionar o caráter privado e individual da responsabilidade pelas tarefas domésticas, e torná-las uma questão pública e coletiva.

O encontro entre as perspectivas de Silvia Federici e Angela Davis, por vezes antagônicas, porém a nosso ver também complementares, tem proporcionado ricos debates com as turmas. Estudantes se mostram ávidos por soluções, que parecem distantes no fosso da dominação colonial que nos assombra. Buscando escapar de respostas fáceis e insuficientes, precisamos reencontrar a vida, concreta, complexa, múltipla e encarnada. Assim chegamos na RODA DE CONVERSA 2, que trouxe para as salas de aula experiências cotidianas de mulheres negras que resistem e se reinventam para garantir a reprodução da vida em territórios vulnerabilizados. Tivemos como convidadas nas duas primeiras turmas, mulheres que participam do Centro de Integração da Serra da Misericórdia, na Penha (Rio de Janeiro), e mulheres que participam do projeto Mães à Obra, na comunidade do Preventório (Niterói). A terceira turma foi agraciada com a presença de Ana Marcia, idealizadora da Lavanderia Comunitária do Borel (Rio de Janeiro). Infelizmente neste artigo não caberá aprofundar nas histórias de resistência que essas mulheres nos contaram, histórias estas que tornam nítidas as profundas conexões entre produção e reprodução da vida.

Ressaltamos que pelo projeto de pesquisa e extensão Tecnologia, Trabalho e Cuidado (TTC), mencionado anteriormente, temos desenvolvido atividades junto a essas mulheres para além dos encontros na disciplina. Fruto dessas relações, tivemos recentemente publicadas pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS),

também vinculado ao NIDES, três dissertações de mestrado que relatam e analisam a trajetória e algumas das ações desses grupos de mulheres (NUNES, 2024; VERÍSSIMO, 2024; BAYERL, 2025).

## 2.4 O que é Saúde?

Suely Rolnik (2022), em um vídeo gravado para a série “Psicanalistas que Falam”, diz que a psicanálise reconecta-nos com nossa condição de seres vivos, parte de um ecossistema ambiental, social e mental. Ela explica que as aranhas produzem fios de seda vibratórios, permitindo-lhes sentir o ambiente. As patas da aranha decifram essas vibrações, ajudando-a a construir a teia de acordo com suas necessidades. Para os humanos, o fio pulsional é equivalente às patas da aranha. É desse contato com o mundo exterior que vem o conhecimento essencial para se orientar no ambiente e saber quais respostas o indivíduo dará, como ele agirá, para que a vida se mantenha em equilíbrio. Rolnik chama isso de “saber do corpo-vivo”. É com esse vídeo que introduzimos para as turmas de TTSC o conceito de saúde.

Pelo texto “Saúde, cadê você? Cadê você?” (2003), de Jussara Brito, Mary Yale e Milton Athayde, apresentamos elementos constitutivos da saúde para além daqueles que conhecemos no senso comum. As autoras dizem que a boa saúde está além do que vemos e vivemos como “normal”. Saúde não é ausência de doenças. Quando nascemos, um conjunto de fragilidades psicossomáticas vem junto com nosso código genético, somos ainda condicionados a conviver em ambientes (físicos, sociais, políticos etc.) muitas vezes nocivos. Mas existe sempre um espaço de conquista, de rearranjos e modificações possíveis. Saúde é a capacidade de lidar com o meio, refazendo-o do nosso jeito. O que caracteriza o ser vivo é, antes de mais nada, uma vitalidade, uma força, uma potência vigorosa deste para se afirmar como ser na vida. Viver também é correr riscos. Sentir-se em boa saúde é sentir-se mais do que normal, sendo capaz de criar e seguir novas normas de vida.

Essa abordagem da saúde destaca a ação do indivíduo, sem deixar de considerar que este vive em coletividade, em comunidade, em um território, em um emaranhado de relações sociais e de poder, que podem ser mais ou menos favoráveis à promoção do bem-estar. Na RODA DE CONVERSA 3 buscamos trazer vozes de mulheres racializadas que atuam em seus territórios na luta pela saúde. As convidadas que estiveram com a gente foram:

- Lucineia Freitas, dirigente nacional do setor de gênero do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e doutora em Saúde Pública.
- Niara Sol, indígena Fulni-ô e Kariri Xocóindígena, profissional atuante na saúde a partir de práticas e saberes ancestrais.
- Beatriz Alves, integrante do Coletivo Martha Trindade, que pauta saúde, meio ambiente e cidade em Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e estudante de Enfermagem.
- Andressa Dutra, mestra em Ecoturismo, pesquisadora antirracista, coordenadora do Instituto Mirindiba de Ação Climática Popular.

## 2.5 O que é cuidado?

A ideia de cuidado vem sendo trabalhada na disciplina desde sua primeira aula. Trazer o conceito de cuidado para a sala de aula implica não apenas em debatê-lo teoricamente, mas sobretudo em estabelecer uma relação de cuidado cotidiana e permanente com a turma. Esperamos que este breve relato esteja permitindo alcançar essa dimensão. O que apresentamos a seguir é só uma parte do que vimos construindo a partir da experiência da disciplina no que se refere a intenção prática e política de deslocar o cuidado para o centro.

Todas as autoras e convidadas que estiveram na disciplina de alguma forma nos levaram a pensar sobre o lugar ocupado pelo cuidado na sociedade capitalista cis-branco-hetero-

patriarcal, e também nas estratégias de resistência mobilizadas pelas pessoas e grupos que estão marginalizados nesse sistema colonial. Pela leitura de “Assistência Democrática e Democracias Assistenciais” (2007), de Joan Tronto, buscamos, afinal, compreender o que chamamos de cuidado e encontrar outras pistas para a construção de uma sociedade que garanta bons cuidados a todos.

A autora afirma que o propósito do cuidado deve ser tornar a sociedade a mais democrática possível. Ela diz que democratizar a vida em sociedade passa necessariamente por pensar o cuidado de maneira democrática. Mas o que é cuidado?

Uma atividade que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso “mundo” para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e auto-sustentável. (TRONTO, 2007, p. 287)

Joan destaca que é preciso compreender que o mundo é feito de “*pessoas emaranhadas em redes de interesse e comprometidas com o atendimento das necessidades de outras pessoas ao seu redor*” (p. 289). O sujeito liberal autônomo e independente não passa de uma ilusão. É preciso fazer uma inversão fundamental: no lugar de dependência e autonomia, interdependência e reciprocidade. O cuidado, a vulnerabilidade e a dependência mútua são centrais em toda vida humana e não apenas para alguns grupos específicos de pessoas. Tronto propõe uma mudança política no sentido da democratização do cuidado. A mercantilização do cuidado em escala global esconde as relações de interdependências e as desigualdades na distribuição do cuidado. É preciso transformar o cuidado em um valor central, em um bem comum, nas sociedades democráticas e democratizá-lo.

## 2.6 Tecnologia, trabalho, saúde e cuidado

O ciclo de debates da disciplina TTSC se encerra com uma tentativa de fazer um apanhado geral do que foi debatido até aqui para repensar o que fazemos e entendemos como tecnologia na sociedade capitalista cis-branco-hetero-patriarcal, e como podemos ou devemos recriá-la para dar lugar ao mundo que sonhamos. Ursula Le Guin, em seu texto “A teoria da bolsa de ficção” (2021), nos apresenta justamente um recipiente para nos ajudar com esse apanhado.

Ela conta que uma simples história sobre a colheita de alimentos não é suficientemente incrível. Não há ação, sangue e um herói. Não há dominação, morte e um vitorioso. As lentes coloniais são incapazes de enxergar a tecnologia nessa história. Mas se o que queremos é nos manter vivas, conectadas com um ecossistema ambiental, social e mental, precisamos aprender a enxergar as tecnologias que servem para guardar, para preservar saberes e formas de vida que jamais serão dominadas pelo incessante processo colonial. Tecnologias que também não pretendem dominar, nem outros grupos humanos, nem a natureza, que tem como horizonte o compartilhamento entre diferentes formas de vida.

Nesta tentativa de conclusão, sempre parcial, incompleta, precária, contamos ainda com as contribuições de Ruha Benjamin (2022), em uma entrevista de título “Mulheres, Raça e Tecnologia”, também apresentada em sala de aula, onde ela conclui sua análise do processo de desenvolvimento tecnológico hegemônico nos convocando a imaginar poéticas criativas para um futuro livre da dominação. As respostas não estão prontas. O futuro é aberto às possibilidades do que podemos e queremos fazer hoje. A tecnologia que queremos e precisamos para mudar o mundo está aqui, nos territórios e comunidades, sendo criadas e recriadas a cada dia como práticas de resistência necessárias para seguir a vida. Se estamos vivas é porque resistimos e reinventamos. Basta calibrar nosso olhar para reconhecer, e coletivizar os esforços para valorizar e estimular essas tecnologias.

Nesse encontro quase final da disciplina, brindamos a essas possibilidades com o samba enredo da Estação Primeira de Mangueira, que embalou o desfile da escola em 2019, com o tema Histórias para Ninar Gente Grande. O samba diz mais ou menos assim

Mangueira, tira a poeira dos porões  
 Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
 Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões  
 São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego  
 Deixa eu te contar  
 A história que a história não conta  
 O avesso do mesmo lugar  
 Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço  
 A Mangueira chegou  
 Com versos que o livro apagou  
 Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento  
 Tem sangue retinto pisado  
 Atrás do herói emoldurado  
 Mulheres, tamoios, mulatos  
 Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
 E a tua cara é de cariri  
 Não veio do céu  
 Nem das mãos de Isabel  
 A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
 Quem foi de aço nos anos de chumbo  
 Brasil, chegou a vez  
 De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês [...]

(Lume, Vaga. Samba-Enredo, 2019)

### 3. RESULTADOS: TRABALHOS FINAIS E AVALIAÇÕES DO PERCURSO

Ao final da disciplina, estudantes apresentaram um trabalho, que pôde ser desenvolvido individualmente, em dupla ou trio, se valendo dos conceitos e práticas tratados no percurso para abordar um tema qualquer de seu interesse. Os temas que apareceram entre os trabalhos foram bastante variados, e mostraram o envolvimento da turma com o conjunto de debates elaborado ao longo do curso.

Muitos trouxeram suas trajetórias de vida e trajetórias familiares, com destaque para forte presença de histórias de avós, que evidenciam as conexões entre Tecnologia, Trabalho, Saúde e Cuidado, permitindo ainda ampliar o escopo da disciplina abarcando um importante debate sobre a ancestralidade de povos e comunidades afro-indígenas em diáspora. Nos fez lembrar um trecho do vídeo de Vandana Shiva (2013), utilizado na aula cinco, onde ela fala que em Navdanya, uma organização não-governamental indiana, foi criada uma Universidade das Avós, “*porque cremos que nossas avós têm a melhor expertise para o futuro*”.

No trabalho de Larissa Gomes da Costa, estudante de psicologia que cursou a disciplina na turma de 2024, ela diz:

este trabalho foi construído sob a perspectiva de reverenciar os saberes daqueles que vieram antes. [...] Ao ligar esses dois conceitos [saúde e



cuidado], é quase impossível não lembrar dos saberes tradicionais das minhas avós e da minha mãe, que sempre cuidaram de nós utilizando seus conhecimentos sobre ervas medicinais. Minha avó materna, uma mulher negra e nordestina de Sapé, uma pequena cidade no interior da Paraíba, trabalhou como doméstica durante toda a vida. De modo semelhante, minha avó paterna compartilha uma história quase idêntica: uma mulher negra, nascida em Ubá, Minas Gerais, que também passou a vida trabalhando em outras casas além da sua. Ambas foram mães de três filhos e passaram boa parte da vida criando-os sozinhas. Minha avó paterna criou seus filhos sozinha após a morte precoce do seu grande amor devido a uma doença no intestino. Já a minha avó materna, porque seu marido a abandonou enquanto seus filhos eram crianças. Por essa razão, minha mãe começou a trabalhar cedo, aos 13 anos. Todas elas viveram em comunidades por boa parte da vida, minha avó paterna no Vidigal e minha mãe e avó na Nova Holanda, Complexo da Maré. Aprenderam muitas coisas, compartilharam vivências e construíram práticas estratégicas que tornaram possível a existência daqueles aos quais direcionaram o cuidado: aos filhos e elas próprias.

Assim a estudante segue, no texto entregue como trabalho final da disciplina, contando histórias sobre suas avós e sua mãe, e relacionando essas histórias com tecnologia, trabalho, saúde e cuidado.

João Gabriel dos Santos, estudante de engenharia da turma de 2022 entregou um trabalho com o título “As mulheres da minha vida sob uma ótica”, onde ele conta:

Durante o curso de TTSC, foram mostradas a mim visões diferentes do mundo, visões que eu em parte já reconhecia, mas não sabia definir. Dentro da rotina do curso fui conectando o que eu escutava e aprendia com a minha vida. [...] por muitos anos da minha vida, principalmente na minha infância, eu achava/acho que minha vó era incrível, no sentido de que ela sabia tudo sobre sobrevivência no mundo. Já vi minha vó fazer de tudo, bater laje, desenhar casas, trocar tomadas, pintar paredes e, pelo incrível que pareça, fazer um bolo de cenoura incrível. Tudo isso, era o combo “Amélia” (nome da minha vó), infelizmente ela não está mais viva, mas ainda hoje sou muito grato por ela ter existido em minha vida e me ensinado, entre outras coisas, a viver nesse mundo [...] Lincando minha vó com a matéria, acredito que reconhecer os âmbitos mais “rudimentares” da tecnologia é essencial, afinal, não existiria o fruto da bananeira se não existissem as raízes que a sustentam. Enxergo que na sociedade de hoje, só é reconhecido como tecnologia o que é inovador, tech, pop, tudo. OK, isso é tecnologia também, mas se eu for contar quantas vezes utilizei o que minha vó me ensinou e o que a faculdade (tecnologia máxima) me ensinou, poderia dizer que não tem nem comparação. Portanto, não há justiça em manter classificações e hierarquizações entre tecnologias, muito menos, menosprezar habilidades básicas de sobrevivência só porque elas estão na nossa rotina. E sim, tecnologia é minha vó.

O estudante segue falando também de sua mãe, que sempre precisou trabalhar, e deixava os filhos aos cuidados da avó. A disciplina permitiu que ele refletisse sobre as diferentes formas e significados do trabalho, da mãe e da avó, e de como a integração entre elas permitiu a existência dele e de sua irmã.

Diversos outros estudantes contaram, nessa etapa final da disciplina, e ao longo dela, partes das suas trajetórias de vida, tecendo nessas recontações profundas e interessantes conexões com os conceitos de tecnologia, trabalho, saúde e cuidado. E aqui lembramos mais uma vez dos ensinamentos de bell hooks (2017), que fala muito sobre a importância da reconexão entre

teoria e prática e sobre a intimidade e pessoalidade nos processos de teorização e de ensino-aprendizado.

Outros trabalhos entregues ao final do percurso trouxeram outras abordagens. Alguns estudantes voltaram suas reflexões de conclusão para seus territórios de origem. Ouvimos histórias sobre vidas que resistem nas favelas do Rio de Janeiro, desobedecendo à ordem da necropolítica. Como foi o caso de Ana Lilyan dos Santos, estudante de psicologia, moradora da Maré, que cursou a disciplina na turma de 2023-1. Ela fala de uma vida marcada pela violência policial, mas também com boas memórias de luta e resistência.

Ser da periferia é acordar às 5h da manhã com um helicóptero sobrevoando sua casa, acordar com um despertador diferente que são os tiros, e sentir o medo e o desespero percorrer o corpo, não sabe se fica em casa em “segurança”, podendo ter sua casa invadida e violada por tiros e policiais, aqueles que prometem proteger os cidadãos [...] ou se sai de casa para garantir o pão e o emprego, mesmo que corra o risco de ser mais um inocente morto nessa guerra sem fim.

[...] como uma pessoa favelada terá tempo de pensar e lidar com a saúde, precisamente a saúde mental, se no meio em que vive, as pessoas estão sobrecarregadas resistindo a uma política de morte? Se está preocupado em ter comida na mesa, se vai almoçar ou jantar, se a tua rua vai encher de água pela previsão da chuva que passou no jornal ou com as goteiras dentro de casa, se o esgoto vai ser arrumado ou o lixo recolhido, ou pior, se a violência vai vir por parte do governo ou por facções.

Porque somos alvos desse genocídio cotidiano há décadas? A favela é um território rico e potente, com grande variedade cultural, significativas manifestações de solidariedade, uma população trabalhadora aguerrida, pessoas que sabem cuidar, de si e de outros, e nutrir a esperança de um mundo melhor. Talvez por isso o grande esforço do estado para exterminar essa gente, que luta dia-a-dia contra a lógica da dominação.

Com abordagem similar, as estudantes Ana Clara (Gestão Pública) e Jéssica (Engenharia), que cursaram a disciplina em 2024, entregaram um trabalho final que recuperou um histórico recente de operações policiais no Complexo do Alemão, mas também apresentou projetos que buscam promover a “inclusão social” e o “combate à marginalização da juventude nas comunidades”. O trabalho veio recheado de histórias de vida dos familiares das estudantes atravessados pela violência, mas também afetados pelas iniciativas de resistência. Ao se deparar com essas histórias a turma elaborou importantes reflexões sobre as formas contraditórias de ação do estado na favela, e sobre os lugares da tecnologia e do trabalho nessa disputa.

As vivências na universidade, em especial nos cursos de engenharia, fortemente marcadas por situações de assédio e violência, também apareceram em diversos trabalhos finais. Luiz Filipe, Sarah e Raphaela, estudantes de engenharia que cursaram a disciplina em 2023, trouxeram relatos pesados de angústia e sofrimento.

Relações humanas. Distância. Provas. Pressões. Cálculos complexos. Necessidade constante de obter resultados. A jornada acadêmica costuma ser marcada por altos níveis de estresse e ansiedade, fruto das infinitas demandas acadêmicas, prazos apertados e a pressão por um desempenho excepcional. A pressão da vida acadêmica, muitas vezes leva os estudantes a não colocarem na equação da vida deles a variável que diz respeito ao seu autocuidado e saúde mental.

[...] Em que tempo faríamos isso? O problema é mais profundo do que parece. Envolve estruturas históricas relacionadas ao capitalismo e a meritocracia, conceitos com o qual todo nosso sistema educacional e social está baseado.

[...] Projetos para cuidar da saúde mental de estudantes são desenvolvidos, mas parecem projetados para dar errado e serem só uma resposta pronta e política caso imprensa, sociedade ou órgãos públicos contestem a instituição sobre o tema.

[...] Resolver esse problema, é como pedir para um cavalo que ele voe. Para que um cavalo voe é necessário que ocorra toda uma mudança estrutural e profunda em seu corpo, DNA e história. Analogamente, para que as questões relacionadas a saúde mental e autocuidado dos estudantes sejam eficientemente discutidas e resolvidas, a fim de transformações reais, é necessário que haja uma mudança profunda na estrutura, DNA e história, de uma instituição forjada pelos ideais capitalista e meritocratas.

[...] Humildemente, deixo para os engravatados aqui a minha contribuição e sugestão. É necessário que haja abertura de espaços na grade para que os estudantes cuidem de suas saúdes mentais. A saúde mental e o autocuidado devem ser matérias tão importantes quanto cálculo ou termodinâmica.

Os relatos das turmas sobre situações frequentes de angústia e sofrimento, histórias de adoecimento e suicídio, seguidos de acalorados debates, fizeram da disciplina um espaço de resistência e reencontro, alimentando e nutrindo a esperança por uma universidade e uma engenharia orientadas para a construção de tecnologias e de formas de trabalho a favor da saúde, do cuidado, da vida. Neste trabalho apresentado por Luiz Filipe, Sarah e Raphaela eles imaginam caminhos possíveis. Bell hooks (2020) dizia que “*a imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência*” (p. 105), e que, em situações traumáticas, muitas vezes é ela que pode garantir a sobrevivência.

Além dos trabalhos apresentados pelos/as estudantes, utilizamos outros dois instrumentos para avaliação final da disciplina. Um formulário de autoavaliação, onde cada um teve espaço para refletir sobre seu percurso pessoal; e uma espécie de “prova”, onde não existiam respostas certas ou erradas, e que também não teve uma nota. As questões de “prova” eram as seguintes:

#### **Quadro 2.** Questões para avaliação individual

1. Você acha que a experiência da disciplina alterou suas formas de cuidado (com você mesmo/a e com outras pessoas)? Fale mais sobre isso.
2. Como você acha que a experiência da disciplina afetou sua saúde?
3. A experiência da disciplina te fez rever os conceitos de trabalho e tecnologia? Comente mais.
4. O que a experiência da disciplina deixou de mais significativo para você?
5. Gostaria de apontar sugestões de mudanças para as próximas turmas dessa disciplina?

Fonte: elaborado pelas autoras

Essas questões foram respondidas individualmente pelos estudantes em sala de aula. Uma síntese do conjunto de respostas obtidas foi elaborada pela equipe docente e apresentada posteriormente para debate com a turma. No quadro a seguir apresentamos alguns elementos dessas sínteses, juntando resultados das três turmas, agrupados em cinco categorias.

#### **Quadro 3.** Síntese das avaliações da disciplina

<b>Sobre o percurso da disciplina</b>
Foi espaço de afeto e de reflexão
Conduzida de forma leve, tornando o ambiente gostoso e agradável
Espaço livre, respeitoso, acolhedor, engrandecedor e de muita troca espontânea

Oportunidade de me comunicar e questionar sobre temas tão relevantes (as vezes queremos falar sobre esses temas mais não sabemos com quem e não encontramos espaços confortáveis para isso)
Importância das rodas de conversa: ouvir histórias e experiências de pessoas de fora
Importância das dinâmicas de início das aulas: alongamentos no começo da manhã pra se sentir mais energizado
<b>Sobre os deslocamentos produzidos</b>
Possibilidade de abrir a mente, deixando um terreno fértil para reflexões
Sair da bolha de pensamentos e julgamentos
Sair da zona de conforto
Uma imensidão de outros pontos de vistas e realidades
<b>Sobre saúde e cuidado</b>
Consciência de que saúde é prioridade. É preciso encontrar equilíbrios.
Possibilidade de ter pensamentos mais saudáveis.
Foi um espaço de alívio na academia. Uma válvula de escape nesse período caótico.
Entendi que cuidado é algo para além das relações domésticas ou apenas familiares, ele pode estar presente em múltiplas relações sociais, e na verdade ideal que ele esteja.
O cuidado é uma forma de trabalho que é aprendida ao longo da vida, não já nascida com a pessoa.
Disciplina afetou a percepção de cuidado, mas nem sempre a rotina de cuidado
Permitiu o reconhecimento do cuidado que eu recebo das pessoas a minha volta
O cuidado é também um ato que movimenta e reequilibra o mundo.
<b>Sobre trabalho e tecnologia</b>
Minha mãe é dona de casa e eu não via isso como um trabalho
Passei a admirar trabalhos e tecnologias "simples"
Rever a questão de que tecnologia não está necessariamente associada ao futuro e a uma busca incessante de otimizar e agilizar os processos, mas sim de saber preservar e continuar utilizando aprendizados do passado que ainda dão certo
Foi interessante pensar como enxergar a tecnologia como ferramentas apolíticas acaba por torná-la suscetível a reproduzir todos os problemas sociais.
A tecnologia não tem que avançar pra matar, e sim pra manter a vida em qualidade.
<b>Sobre transformações pessoais</b>
Disciplina me deixou mais humanizado
Importância de valorizar os detalhes, como os gestos de amor do dia-a-dia
Aprendi a ver diferenças, e isso mudou minha experiência na faculdade
Necessário ter empatia
A vida vai muito além do que eu imaginava
Foi essencial para que eu pudesse olhar para minha realidade com uma perspectiva mais corajosa.

Fonte: elaborado pelas autoras

Nos surpreendemos com todos esses elementos de avaliação trazidos pelas turmas ao final do percurso. Revisitar os conceitos, e para além deles, as práticas cotidianas de saúde e cuidado, e colocá-los em relação com as ideias de tecnologia e trabalho, se mostrou de fato uma forma potente de trazer os questionamentos feministas e contracoloniais para o campo das alternativas sociotécnicas.

Acreditamos ainda que fomos além. A sala de aula como laboratório para essa experiência de ensino-aprendizado tornou-se um espaço de cura, de recuperação, de libertação coletiva, e quando isso acontece, como afirmou bell hooks, “*não existe brecha entre a teoria e a prática*” (2017, p. 86).

A experiência da disciplina já nasceu conectada com o projeto de pesquisa e extensão Tecnologia, Trabalho e Cuidado. Ao longo do percurso, ela se tornou o espaço de formação prioritário para estudantes que desejem participar dessas ações de pesquisa e extensão. São, portanto, dois caminhos possíveis. Estudantes que procuram o projeto, são orientados a cursar a disciplina enquanto se familiarizam com o projeto. E alguns estudantes que cursam a

disciplina, a partir dela conhecem e se engajam nas ações do projeto. Isso acontece tanto para estudantes de graduação, quanto de pós-graduação, que nesse caso atuam na disciplina como “estagiários”, fazendo parte da equipe docente.

Para complementar a formação desses estudantes de pós-graduação, existe ainda uma disciplina do PPGTDS/NIDES que se chama também Tecnologia, Trabalho e Cuidado, ministrada pela mesma professora, onde os temas aqui abordados são mais aprofundados e são exploradas suas conexões com os projetos de pesquisa de cada estudante. As dissertações de Aman Nunes (2024), Elena Veríssimo (2024) e Ester Bayerl (2025), que estudaram respectivamente as experiências do Centro de Integração da Serra da Misericórdia, do projeto Mães à Obra e da Lavanderia Comunitária do Borel, são bons exemplos dessa permanente integração entre ensino, pesquisa e extensão que temos alimentado. Aman, Elena e Ester não chegaram a participar como estagiários em TTSC, mas cursaram a disciplina de TTC no mestrado e estiveram na RODA DE CONVERSA 2 acompanhando as mulheres protagonistas das experiências. As estudantes de pós-graduação que compuseram a equipe docente nessas três turmas de TTSC que aqui relatamos estão hoje desenvolvendo suas pesquisas de mestrado e doutorado com abordagens que se somam a esse esforço de trazer perspectivas feministas e contracolônias para os estudos do trabalho e da tecnologia.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de universalizar nossa experiência, esperamos que esse breve relato inspire docentes e discentes de outras universidades a experimentar caminhos para formação crítica, feminista e contracolônial no campo dos estudos do trabalho e da tecnologia. Acreditamos que os aprendizados aqui sistematizados podem ainda ser úteis para experiências de ensino, pesquisa e extensão em diversos outros campos acadêmicos.

No seu livro *Ensinando a transgredir* (2017), bell hooks conta que

“[...] o público acadêmico que encontro em minhas palestras sempre se mostra surpreso quando falo da sala de aula com intimidade e sentimento. Esse público se surpreendeu mais ainda quando eu disse que estava escrevendo uma coletânea de ensaios sobre o ato de ensinar. Essa surpresa é um triste lembrete de que o ensino é considerado um aspecto mais enfadonho e menos valorizado da atividade acadêmica. Essa perspectiva sobre o ensino é comum, mas tem de ser posta em questão para podermos atender às necessidades de nossos alunos, para podermos devolver à educação e às salas de aula o entusiasmo pelas ideias e a vontade de aprender. A educação está numa crise grave. [...] Não poderemos enfrentar a crise se os pensadores críticos e os críticos sociais progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno da sua consideração. A sala de aula continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia.” (p. 23)

Na nossa experiência pudemos apreciar essas possibilidades mais radicais anunciadas pela autora. Este relato não pôde, evidentemente, abarcar todas as dimensões do que vivemos nessas salas de aula, pelo limite de páginas do texto, mas também pelas próprias limitações da comunicação escrita, da palavra. Destacamos a seguir alguns elementos que infelizmente não puderam ser aprofundados.

Primeiramente é importante destacar que ao longo do texto falamos das três turmas que ocuparam as salas de aula nos períodos letivos de 2022-2, 2023-1 e 2024-1. Cada uma dessas turmas teve suas particularidades, assim como cada estudante viveu a experiência da disciplina de uma forma especial. Lembramos que o período de 2022-2 foi, pelo menos na UFRJ, o segundo período realizado presencialmente após a pandemia do COVID-19, e o tema da saúde,

por motivos óbvios, estava muito evidente naquele momento, com impactos significativos para o engajamento da turma na disciplina. As outras turmas tiveram outras particularidades, que aqui não puderam ser aprofundadas.

Já mencionamos a participação de estudantes de pós-graduação compondo a equipe docente da disciplina. Mas é possível que essas menções não tenham sido suficientes para destacar a diferença fundamental que essas participações fizeram na experiência. Além de cumprir um papel na formação dessas futuras docentes, essas participações deixaram mais evidente o caráter coletivo do trabalho acadêmico. As turmas tiveram a oportunidade de dialogar com mais de uma perspectiva sobre cada tema abordado, mais experiências de vida, diferentes corpos ocupando o espaço de ensino-aprendizado, tudo isso enriqueceu as trocas e ampliou as possibilidades de imaginação. E como o que construímos aqui também foi enfrentamento em uma academia que insiste em perpetuar violências e opressões, não foi pouco significativa a importância dessas pessoas ao dividir o peso desse enfrentamento com a docente responsável pela disciplina. Sem elas, certamente, essa experiência não teria sido possível.

Neste breve relato também não foi possível contar mais das experiências relatadas pelas convidadas das rodas de conversa. Destacamos que esses espaços e trocas foram fundamentais para a construção da disciplina, favorecendo as elaborações conceituais, mas também, e sobretudo, as relações de confiança e pertencimento da turma. Para as rodas de conversa buscamos ocupar outros espaços da universidade, e fora dela. Sair da sala de aula foi importante para as turmas se movimentarem, se colocarem e se sentirem no mundo de diferentes formas. Nesses momentos também organizamos lanches compartilhados, como forma de troca afetiva e de cuidado. As rodas frequentemente terminavam com lágrimas, e também com abraços, com alívio e com esperança.

Por fim, cabe destacar que o ambiente da universidade tem sido bastante hostil a esse tipo de experiência. As turmas chegam muito exaustas e machucadas pelas violências cotidianas de uma academia marcada pela lógica colonial e opressora, agravadas pelo sucateamento da instituição oriundo dos cortes orçamentários impostos por um processo intenso de mercantilização da educação. Conquistar a confiança da turma e abrir de fato um espaço de diálogo íntimo e profundo exige um esforço imenso, não só da equipe docente, mas da turma como um todo. Por vezes as aulas se transformam em catarses e denúncias coletivas, e os limites da disciplina são insuficientes para lidar com tanto. Seguimos atentas e na esperança de dias melhores.

Nesse espírito de esperança concluímos esse breve relato com a poesia apresentada por Letícia Carneiro, estudante de engenharia da turma de 2022-2, como parte do seu trabalho final da disciplina.

Quase caindo, agarrei-me à teia  
Morada  
o que nos rodeia, nos cutuca, nos dirige um olhar desconfiado e pergunta  
“é isso que te move?”  
morada é estar no mundo, mas estar mais ainda em si  
é cair no fundo e entender que existe.  
é trazer de dentro o que duvida e põe tudo que foi construído a ponto do  
desmoronamento para então perceber que essa era a chave de tudo  
é conectar o passado, presente e futuro na fala mais complexa e desenvolvida  
para explicar o que é simples: somos um.  
Mas essa singularidade do todo está por hora(sss) deturpada.  
Indivíduo ou sociedade?  
Eu ou o outro?  
Caímos na cilada do ego sem nem questionar o sentido  
fugimos então na busca do que aguça os sentidos

mas a cabeça pensa onde os pés pisam  
e com a mesma mentalidade anterior, os mesmos pés que caminham para o  
abismo tentam sair de lá repetindo os mesmos passos.

Tragamos então um pouco de luz

E as patas da Aranha, por vezes aprisionada e contida, escapam num lampejo  
de lucidez:

- Eu sinto

Assim como você, e todos que podem até tentar padronizar-se e silenciar as  
vibrações da teia das sensações

Mas cultivamos a magia de ser um

único e conjunto

armazenado

Nós.

(Letícia Carneiro, 2022)

## REFERÊNCIAS

- Bagattolli, Carolina. (2023). *1º Simpósio Brasileiro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Tecnologia Social*. Canal NIDES UFRJ no YouTube, 21 de set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U3NGNOPmVNk>. Acessado em 25/03/2025.
- Bayerl, Ester Oliveira. (2025). *A Lavanderia Comunitária do Morro do Borel e o debate sobre racismo ambiental e lutas comunitárias em contextos urbanos*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia para o Desenvolvimento Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social. Rio de Janeiro.
- Benjamin, Ruha. (2022). *Women, Race, and Technology: 2nd IEA Inter-chair Meeting*. Canal Instituto de Estudos Avançados da USP no Youtube, 14 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oCHMG0XIHrE>. Acessado em 25/03/2025.
- Brito, Jussara; Neves, Mary; Athayde, Milton. (2003). *Cadernos de textos: programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas. TEXTO 1: Saúde, cadê você? Cadê você?* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Carrasco, Cristina. (2004). *Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista*. In: Silveira, Maria Lucia; Tito, Neuza (Orgs.). Trabalho doméstico e de cuidados – por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista (SOF).
- Dagnino, Renato. (2014). *Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas*. Campina Grande: EDUEPB.
- Davis, Angela. (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo.
- Evaristo, Conceição. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê.
- Federici, Silvia. (2019). *O Ponto Zero da Revolução*. São Paulo: Editora Elefante.
- Hirata, Helena; Kergoat, Daniele. (2007). *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, vol.37, n.132, pp.595-609, set/dez.
- hooks, bell. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- hooks, bell. (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante.
- Kilomba, Grada. (2019). *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cabogó.
- Le Guin, Ursula K. (2021). *A teoria da bolsa de ficção*. São Paulo: N-1.

- Lugones, Maria. (2014). *Rumo a um feminismo descolonial*. Revista Estudos Feministas, v. 22, n. 3.
- Lume, Vaga. (2019). *Histórias Para Ninar Gente Grande*. Samba-Enredo.
- Novaes, Henrique; Dias, Rafael. (2010). *Construção do marco analítico conceitual da Tecnologia Social*. In: Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas, SP: Komedi.
- Nunes, Aman Azevedo. (2024). *TECNOLOGIA PARA ALÉM DO QUE SE VÊ: Construindo um novo paradigma tecnológico a partir da Serra da Misericórdia (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia para o Desenvolvimento Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social. Rio de Janeiro.
- Rolnik, Suely. (2022). *Psicanalistas que Falam – Episódio #8*. Canal Psicanalistas que Falam no Youtube, 12 de mar. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0SDyvf71kc>. Acessado em 25/03/2025.
- Shiva, Vandana. (2013). *As mulheres e a construção do novo mundo*. Canal Fronteiras do Pensamento no Youtube, 3 de set. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>. Acessado em 25/03/2025.
- Tronto, Joan. (2007). *Assistência democrática e democracias assistenciais*. Sociedade e Estado, v. 22., n. 2.
- Vasconcellos, Bruna. (2017). *Politizando o cuidar: as mulheres do Sul na construção de alternativas sociotécnicas*. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, São Paulo.
- Vergès, Françoise. (2020). *Um feminismo descolonial*. São Paulo: Ubu Editora.
- Veríssimo, Elena Y. J. (2024) *MÃES À OBRA E OS MUROS DA UNIVERSIDADE: histórias e reflexões sobre educação popular e ensino na engenharia*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia para o Desenvolvimento Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social. Rio de Janeiro.